

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E TRANSMISSÃO DE VALORES

TESTING OF CHILDREN'S EDUCATION: INSTRUMENT OF COGNITIVE DEVELOPMENT AND TRANSMISSION OF VALUES

Juliana Moreira RODRIGUES¹
Maria Regina Caixeta SILVA²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo propor reflexões sobre a importância da contação de histórias como instrumento de desenvolvimento cognitivo e a transmissão de valores. Para isso, como metodologia, utilizou-se da revisão bibliográfica, com enfoque na pesquisa qualitativa. Como resultado, defendemos a tese de que a contação de história vem se reafirmando como método de ensino eficaz na busca do desenvolvimento da linguagem, ampliação do vocabulário, habilidade de interpretar e ainda aguçar valores éticos, morais, sociais e culturais. Para, além disso, faz-se uma ferramenta extremamente necessária para efetivação dos direitos de aprendizagem para a educação infantil, estabelecidos pela BNCC. Desta forma cabe a família, escola e sociedade encontrar formas para que toda criança tenha o direito de ter acesso à leitura e a contação de história desde a mais tenra infância.

Palavras-chave: Leitura. Valores. Educação infantil. Contação de histórias.

ABSTRACT: This article aims to propose reflections on the importance of storytelling as an instrument of cognitive development and the transmission of values. For this, as a methodology, the bibliographic review was used, focusing on qualitative research. As a result, we defend the thesis that storytelling has been reaffirming itself as an effective teaching method in the pursuit of language development, expansion of vocabulary, ability to interpret and further sharpen ethical, moral, social and cultural values. In addition, it is an extremely necessary tool for realizing the learning rights for early childhood education, established by the BNCC. In this way, it is up to the family, school and society to find ways for every child to have the right to access reading and storytelling from an early age.

Key-words: Reading. Values. Early. Childhood. Education. Storytelling.

¹ Professora, graduada em Licenciatura Plena em Biologia – UFG. Mestre em Agronegócio – PPAGRO/UFG. E-mail: profajumoreira@gmail.com.

² Professora, graduada em Licenciatura Plena em Letras – UEG. Especialista em Ensino de Literatura/UEG. E-mail: m.regina.caixeta@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias é uma prática muito antiga, desde que o homem vivia nas cavernas a roda de conversa já acontecia, ou seja, as pessoas começaram a contar histórias muito antes de dominar a escrita. Os adultos contavam histórias para divertir, ensinar, relembrar ou simplesmente passar tempo. A memória auditiva, visual, oral e gestual, eram então, essenciais para agregar conhecimentos e transmitir valores culturais.

De acordo Busatto(2006) a contação de histórias surgiu antes mesmo da escrita, pois, desde o princípio a humanidade sentia a necessidade de repassar, através da oralidade, fatos históricos que faziam parte do passado de cada povo. A autora ainda afirma que, “o conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de histórias” (p. 20).

Assim, este mecanismo de comunicação utilizado ao longo do tempo foi uma alternativa encontrada pelas comunidades que não tinham o domínio da linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático e semântico para reforçar a identidade, preservar a memória, transmitir conhecimento, crenças e para solidificar a união entre as pessoas.

Essa tradição milenar, que acompanha a humanidade, inicialmente feita para propagação de informações, transmissão cultural e de valores de uma geração para outra, com o passar dos anos passou a ser reconhecida como parte essencial para construção e consolidação de conhecimentos. Mas para ocupar o espaço que tem hoje nas escolas de educação infantil, demandou tempo, investimento e muito embasamento dos estudiosos defensores do ensino de qualidade, pois a educação infantil não era vista como uma fase de aprendizado tão importante quanto as outras etapas da vida escolar.

Quando se pensa em uma trajetória histórica da educação brasileira certificar-se-á que, apenas em meados do século XX é que a educação passou a ser entendida como dever do Estado e direito dos cidadãos. Ao considerar “a história e a evolução do atendimento às crianças de 0 a 6 anos, o quadro é ainda mais grave” (KRAMER, 1994, p. 18). De fato, só em 1988, com a promulgação da Constituição Cidadã é que se viu inclusa essa etapa de ensino em documentos oficiais. Apoiada na Constituição Federal, a LDB 9394/96 estabeleceu que a educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica tendo como finalidade o

desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Hoje, a leitura infantil tem notoriedade e é vista como parte importante na construção do desenvolvimento social e emocional. Quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade de tornar-se um adulto leitor (COSTA, 2005). Graças a ideias semelhantes a essa, ao serem recebidas nas creches e pré-escolas, as crianças adquirirão o direito de serem orientadas no sentido de se desenvolverem cognitivamente e construir valores humanos. E, nesse âmbito, a contação de histórias assume posição de extrema magnitude.

Com o desenvolvimento das mídias, a contação de histórias ganhou novas possibilidades. O mesmo texto pode ser contado de diferentes maneiras, com diversos enfoques e recursos audiovisuais. Assistir uma narrativa pelos aparelhos tecnológicos como, televisão, celular, tablet é sem dúvida chamativo, mas não fortalece o vínculo afetivo com o professor, com os pais, ou, seja lá quem for o contador de histórias. Nesse contexto, percebe-se que contar história é estreitar laços afetivos, possibilitar a conexão positiva, enfim, é um ato de amor e zelo.

Com efeito, este escrito cuida de descrever o porquê a contação de histórias auxilia no desenvolvimento da linguagem, aumenta o vocabulário, desenvolve a habilidade de interpretação de textos, desperta o gosto pela leitura, abordando também, a influência da educação infantil no processo de formação da criança, objetivando canalizar a arte da contação de histórias para potencializar o desenvolvimento cognitivo da criança e a possibilidade de transmitir a ela valores humanos.

Em um segundo momento o trabalho faz uma abordagem da contação de história como metodologia de ensino na educação infantil, onde a criança seja preparada para protagonizar sua própria história, especialmente no tocante à formação de valores e relações éticas sociais.

Para responder o questionamento que norteou a investigação, a metodologia empregada envolve pesquisa bibliográfica, por meio de teóricos

clássicos e contemporâneos que trabalham com as questões da contação de histórias e da literatura infantil no processo do desenvolvimento infantil.

O delineamento bibliográfico foi realizado de acordo com as diretrizes propostas por Gil (2010), assim os referenciais teóricos nortearam a conceituação, análise e interpretação dos dados, bem como a contextualização dos objetivos propostos.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada com o objetivo de obter dados importantes para a pesquisa, a luz de autores de referência, como Abramovich (1989), Busato (2006) e Freire (2016). Outra técnica complementar de coleta de dados qualitativos foi a observação. Foram realizadas observações no período de estágio das discentes no âmbito da educação infantil e na vivência das mesmas enquanto professoras do ensino fundamental e médio.

Dessa forma, essa pesquisa, busca mostrar a importância da contação de histórias no desenvolvimento da criança. Abordando o livro como um objeto de informação, o professor como o mediador entre o aluno e alguns recursos e técnicas que devem ser usadas para a escolha das histórias, atentando para a faixa etária, a situação, o ambiente e os anseios próprios da idade, a fim de fortalecer a relação, professor- criança – livro.

1. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES LINGÜÍSTICAS

O desenvolvimento infantil se dá num processo criado pela própria criança, a partir das interações que vivencia. Sendo assim, a contação de histórias é um instrumento potencializador que permite a descoberta de um universo de possibilidades e o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas.

Desde muito cedo a criança faz a leitura de mundo, não aquela convencional aprendida na escola, mas a que utiliza seus sentidos, seu toque, seu olhar, o ouvir, ou seja, é desde muito cedo que a leitura está presente em sua vida, sendo letrada mesmo antes de se apropriar da leitura e da escrita (MIRANDA, 2017).

O Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (1998) estabelece que “a criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico”(p.21).

Santos e Silva (2019) destacam que o processo de contar histórias permite a manutenção dos vínculos sociais e afetivos, sendo uma ferramenta importantíssima de contraposição a atual conjuntura da geração que nasce envolvida pelo mundo das tecnologias, onde sem querer a criança pode pular etapas da infância, pois a informação chega de forma tão repentina por meio de aparelhos celulares, tablets e computadores, que muitas vezes a criança não está preparada para saber de certos assuntos, não tem maturidade psicológica para lidar com possíveis conflitos.

Silva e Nascimento (2016) também alertam que as narrativas orais têm perdido seu espaço dentro das escolas, devido à sobrecarga de atividades e cumprimento de metas curriculares, deixando a contação de histórias em plano posterior.

Diante disso, no âmbito da educação infantil, a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil (SOUZA E BERNADINO, 2011).

Corroborando com os autores, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, destaca que “a leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários” (p.145).

Sobre o ato de “Escutar histórias”, Souza e Bernadino (2011), afirmam que:

A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalingüística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico (SOUZA E BERNADINO, 2011, p.238).

Para Miranda (2017), a contação de história é uma prática interdisciplinar que não só estimula o gosto pela leitura, mas também instiga a imaginação, criatividade, oralidade, contribuindo, também, para a formação da personalidade da criança, o que envolve o social e o afetivo.

Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem. As crianças desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo (SOUZA e BERNADINO, 2011).

As histórias são fontes maravilhosas de experiências e são meios preciosos de ampliar o horizonte da criança e aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca, pois através destas as crianças desenvolvem ideias, e cada vez que elas são contadas acrescentam novos conhecimentos.

A contação de histórias, segundo Cardoso e Faria (2016) é um instrumento muito importante no estímulo à leitura, ao desenvolvimento da linguagem. É um passaporte para a escrita, desperta o senso crítico e principalmente faz a criança sonhar. As autoras ainda ressaltam que os contadores de histórias são os mediadores desse processo, tendo uma tarefa muito importante que é de envolver a criança na história, dando vida aos sonhos, o despertar das emoções, transportando para o mundo da fantasia. Ainda, afirmam que “é o estímulo à leitura que tornará a criança uma leitora para o resto da vida” (p.8).

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxilia na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo caráter motivador na criança (CARDOSO e FARIA, 2016).

De acordo com Santos e Silva (2019) crianças que ouvem muitas histórias repetem comportamentos e modos de contar e vão se apropriando de

atitudes, gestos, postura de corpo e até mesmo a ampliação da linguagem, criando um amor pela leitura.

Para além de estimular a imaginação, a contação de histórias pode ser considerada uma ferramenta importante para garantir a efetivação dos seus direitos de aprendizagem para a educação infantil, previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que compreendem o “conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer”(p. 38).

A importância do convívio das crianças com as histórias, primeiro como ouvinte e em seguida criando suas próprias narrativas é incontestável. É a combinação dos diferentes elementos presentes nas histórias ouvidas na infância e em suas vivências, que as constituem como seres humanos, pertencentes a uma comunidade. Segundo Costa (2018), o processo de ouvir os outros por meio das histórias contribui para sua constituição narrativa, é ouvindo a voz do outro que se abre a possibilidade de imaginar, estimular a capacidade inventiva, desenvolver o contato com a linguagem oral e ampliar os recursos de vocabulário.

Sobre o direito do “brincar”, Costa (2018) destaca que “contar histórias é, também, uma brincadeira. É entrega à fantasia, à imaginação e à criação”(p.15). A literatura para bebês, e crianças que vivenciam a transição para o Ensino Fundamental, é considerada por muitos autores como um ato de brincar. Pois, as crianças se envolvem com a contação de histórias, com o formato dos livros e com suas imagens e cores, entre outras vivências.

A ação do “participar” está intimamente ligada ao protagonismo das crianças que não são meramente ouvintes das histórias, conforme nos diz Costa (2018) “Com os corações ligados às histórias, as crianças não se limitam a ser plateia. Eles cantam, interagem, dançam, representam e contam histórias. Eles são os protagonistas!”(p. 54).

Nessa imersão das crianças no universo lúdico proporcionado pela magia envolvente das histórias, elas ainda podem:

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões.

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BNCC, p.38).

Ao proporcionar um contexto educativo permeado pelos encantamentos da literatura e da leitura, Costa (2018) afirma que não se deve fragmentar os conhecimentos e sim considerar a multidimensionalidade das crianças.

Desta maneira, se torna fundamental dialogar sobre os direitos dos seres humanos, para que eles já comecem a ser garantidos na primeira infância. Freire (1996), nos alerta que “não devemos transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico, pois seria amesquinhar no que há de fundamentalmente humano no magistério” (p.33). Ao contrário, dialogar com as crianças, buscar conhecer seus anseios, tentar compreender suas vivências e carências para só então, com a consciência de inacabamento apresentar possibilidades de dias melhores ao contar histórias ou construir com eles as próprias histórias.

Ao contar uma história algo ficará para quem a recebe, Freire (2005), assegura que “se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo, nossa fé nos homens, na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (p.184).

Assim o universo das histórias é terreno fértil para proporcionar vivências que tragam a essência da infância e suas potencialidades na articulação das diferentes linguagens, abrindo espaço para emancipação e humanização das crianças.

2. Contação de histórias como um meio para desenvolver valores morais e sociais

Sabemos que os livros literários infantis têm caráter lúdico, ou seja, propõe o divertimento. Claro que é importante imbuir nas crianças que aprender pode ser divertido, mas é notório que quando faz parte da rotina da criança vai

além da brincadeira, recreação e passa tempo; assume também caráter educativo abarcando, ainda, o saber ouvir, o despertar para o mundo da leitura e consequentemente os inúmeros benefícios que os livros proporcionam. A criança antes de ser alfabetizada compreende que os “rabiscos” na página representam palavras e que as palavras contam histórias. Essa percepção é, sem dúvida, um excelente ponto de partida na hora de serem alfabetizadas, é abrir as cortinas para o espetáculo da leitura, interpretação, escrita e as mais variadas descobertas.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre. É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do contou com jeito de escrever do autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento. É através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir de ser, outra ética, outra ótica. É aprender História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento” (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 1989, p.17).

O educador, ao ler ou contar histórias, assume o papel de mediador desse processo, tendo uma tarefa grandiosa que é de inserir a criança na história, dando vida aos sonhos, e despertando emoções, transportando para o mundo da fantasia. Quando o professor tem o lado artístico aflorado consegue com mais eficácia fazer a ponte entre fantasia e realidade. Nesse momento as crianças são capazes de dar sequência lógica aos fatos, a ordem dos acontecimentos aproximando-se da magia literária.

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e atornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 2009, p.11).

Segundo Busato (2020), ler ou narrar são propostas diferentes, mas igualmente necessária para a formação do leitor “quando você lê um livro, a autoridade está no livro, quando você narra uma história de cabeça, a autoridade

é o próprio contador de histórias com sua voz, seu corpo, seus afetos”³. Independente da forma, o mais importante é a qualidade do texto escolhido. O tempo da literatura é flexivo, não necessita de uma rotina, não é algo engessado, estático. Por esse viés, a leitura pode acontecer em qualquer momento, seja no início no meio ou no final da aula, já que ela relaxa e traz a criança para o tempo presente.

A Literatura infantil, em destaque as fábulas, quando bem trabalhada pode influenciar positivamente a formação das crianças, elas percebem a divisão das personagens em boas ou más, belas ou feias, poderosas e sem poder, que trabalham muito ou são preguiçosas, verdadeiras ou mentirosas, tudo isso contribui para a compreensão dos valores e crenças sociais sustentados pelos princípios morais e éticos que orientam a sociedade em que vivemos.

Freire (2005) diz que, “a leitura de mundo antecede à da palavra, ou seja, o ser humano é capaz de fazer interpretações das situações cotidianas antes mesmo de saber ler”(p. 09), visualizando por essa ótica, a partir do momento que o professor utiliza a contação de história como recurso didático, ele apresenta à criança diálogo que normalmente ele não viria em seu cotidiano, as fábulas, por exemplo, oportuniza a criança conhecer situações adversas onde os valores exemplificados nos textos passam a fazer parte de sua bagagem e podem ser acionados a todo momento, uma vez que, as crianças aprendem observando e reproduzindo o que vivenciam. Ao ouvirem a narrativa, elas têm a oportunidade de pensar sobre suas atitudes tanto em relação aos colegas, quanto em família. Quando a criança identifica a moral da história ela expande a capacidade de reflexão, interpretação e análise crítica.

As narrativas que norteiam as fábulas ocorrem quase sempre em ambientes naturais, isso faz com que a criança aprenda a perceber o meio ambiente como um espaço importante e que merece zelo, os personagens são seres animados ou inanimados, a maior parte deles são animais personificados, o que contribui para que floresça na criança o amor e respeito pelos animais. A moral da história é a característica mais marcante do gênero, ela é um ensinamento ou uma lição de vida que atribui valor moralizante ao ouvinte, o que

³Cléo Busato, Escritora, contadora de histórias, mediadora e consultora em projetos de leitura e literatura. Entrevista com a autora, 2020. Via mídia <https://www.facebook.com/cleo.busatto/videos/1360774517454847/>

contribui para despertar na criança valores morais e de convivência refletindo no seu convívio social.

Dessa forma, a contação de fábulas contribui para a educação de valores, parte importantíssima na formação de uma criança e que tem impactos por toda vida. Ao aguçar nos pequenos a valorização de atitudes saudáveis, o professor estará ajudando-os a desenvolver valores éticos e morais desde cedo, não esquecendo claro, que todos esses ganhos acontecem de forma prazerosa.

Hoje muito se discute, por exemplo, sobre bullying, preconceitos, dentre outros diversos tipos de violência. Com a contação de fábulas, essas questões passam a fazer parte do pensamento crítico das crianças, que assimilarão a moral de cada história com a vida e crescerão mais conscientes de seus atos.

Vygotsky (1988), conferiu grande contribuição ao enfatizar a criança como sujeito social, que faz parte de uma cultura concreta. Nessa mesma perspectiva Mendonça (2012) ao defender o processo de formação da criança, nos alerta que:

Isto nos remete à questão da formação humana [...] ressalta a necessidade de promover o processo humanizado da criança. Esse processo requer e implica em um projeto de educação infantil fundamentado em um conceito de educação para a vida, pois ele dará os recursos cognitivos iniciais para o pleno desenvolvimento da vida da criança (MENDONÇA, 2012, p. 42).

Ao ser visto por Vygotsky (1988) como sujeito social e por Mendonça (2012) como alguém que precisa ser humanizado, insere-se na discussão um elemento de suma importância para o entendimento da educação como processo de humanização.

O fato da contação de histórias ocupar lugar no pódio dos mecanismos de ponta para o ensino aprendizagem não basta por si só, o contador ou leitor tem que tomar uma série de medidas para fazer do momento uma ponte entre o planejamento e o resultado esperado.

Após escolher uma história que seja interessante, chamativa e adequada à faixa etária dos ouvintes, é preciso fazer a leitura do texto atentamente, pois é indispensável que tenha conhecimento do que vai ler ou contar, observar se as crianças estão bem acomodadas e se o ambiente é tranquilo, narrar com empolgação, diferenciar a voz do narrador com a dos personagens, fazer parte da

história vivendo os personagens, isso faz toda diferença. É necessário dramatizar na história trabalhada, como explica Abramovich (1989):

Ah, é bom saber usar as modalidades e possibilidades da voz: sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma. Ah, é bom falar muito baixinho, de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou de dúvidas, e usar humoradamente as onomatopeias, os ruídos, os espantos [...] (ABRAMOVICH, 1989, p.21).

Mesmo, com todo o zelo descrito acima o professor deve estar preparado para imprevistos, caso algo que não foi planejado aconteça é necessário ser criativo e preciso na improvisação, para não deixar o ouvinte desapontado ou até mesmo frustrado.

Quando o professor gosta do mundo fascinante da leitura e faz da contação de histórias rotina em seu planejamento, influencia positivamente através do exemplo, pois o aluno tem o professor como referência. De acordo com Silva (2003):

Mais especificamente, para que ocorra um bom ensino da leitura é necessário que o professor seja ele mesmo, um bom leitor. No âmbito das escolas, de nada vale o velho ditado “faça como eu digo (ou ordeno!), não faça como eu faço (porque eu mesmo não sei fazer)” isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange a valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura. (SILVA, 2003, p.109).

Desta forma, o hábito, o estímulo e o entusiasmo para com a leitura contribuirão para que a criança se torne uma leitora assídua, consciente da importância deste ato tanto para sua vida escolar quanto para o desenvolvimento como cidadão, que exercerá suas funções em uma sociedade crítica e diversificada.

Nas palavras de Abramovich (1989) “contar histórias é uma arte. É tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro. Ela é o uso simples e harmônico da voz” (p.18). As palavras ganham poder e encantamento na voz de um professor entusiasmado. Esse momento, em que os ouvintes se encontram vislumbrados, é propício para o educador abordar diversos assuntos, uma vez que, as crianças estão atentas e abertas a ouvir o que a professora vai expor.

Estando a criança em uma fase de aprendizagem e de desenvolvimento das suas capacidades, mesmo não tendo domínio da leitura, ela precisa desta conexão com o mundo contido nos livros, para estimular a capacidade de interpretar e assumir um posicionamento. Deste modo, a literatura infantil traz para a criança um universo de abalo moral, sentimentos, significados, construção, desconstrução e reconstrução de valores. Diante de tudo isso, não há dúvida que o professor ensina para a vida e tem em suas mãos o poder transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise crítica dos estudos e discussões empreendidas para a elaboração deste escrito evidenciou, no primeiro momento, que, contar histórias é uma prática antiga na sociedade. A oralidade é um mecanismo usado há muito tempo para propagar conhecimentos, experiências e valores.

A educação infantil, no Brasil, tem passado por grandes avanços. Deixou de ter caráter assistencialista, onde o professor era um mero cuidador, para a categoria de instrução educativa que contempla a criança nos aspectos cognitivo, emocional, psicológico, e social, o que representa uma grande mudança. Isto exigiu do professor que passasse de cuidador à categoria de educador. Na tarefa de preparar-se para educar, a contação de histórias ganhou novos olhares e agora com objetivo ensino aprendizagem tornou-se forte aliada no intento de realizar esta função, pois antes da educação infantil ser inserida no sistema educacional, a contação de histórias já era ferramenta utilizada para a formação de valores de crianças, embora praticada na maioria das vezes de forma aleatória, pelos familiares, especialmente por pais e mães.

Sistematizada pedagogicamente pelos professores a contação de histórias vem se reafirmando como método de ensino eficaz na busca do desenvolvimento da linguagem, ampliação do vocabulário, habilidade de interpretar e ainda aguçar valores éticos, morais, sociais e culturais. Além disso, o olhar criterioso ao escolher a história a ser contada abre espaço para debater temas, como bullying, timidez, insegurança, violência, entre outros assuntos que

têm relação com a convivência humana, portanto essa prática também pode ser um momento de conscientização.

A contação de histórias configura-se como uma potente metodologia de ensino-aprendizagem e representa a consolidação dos avanços da educação infantil.

Por fim, a contação de histórias, por contribuir na construção de conhecimentos e valores diversos, garantindo a aprendizagem, tanto de conteúdos quanto da socialização, da comunicação, da criatividade e da disciplina, acaba por assumir um valioso instrumento no processo de humanização, bem como para o desenvolvimento cognitivo e para a efetivação dos direitos da educação infantil estabelecidos pela BNCC.

Diante das afirmações dos autores elencados e das inferências propostas ao longo da elaboração deste trabalho pode-se afirmar que: contar histórias na educação infantil é, além de tudo que foi mencionado, plantar a sementinha de um leitor assíduo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, nº. 9.394, de 20 de dez. 1996.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CARDOSO, A. L. S.; FARIA, M. A. A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, vol. 7, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/ARTIGO-ANA-LUCIA-SANCHES.pdf>>. Acesso em 18 out. 2020.

COSTA, M. *Literatura Infantil*. Curitiba: IESDE BRASIL S.A, 2005

COSTA, V. (Org.) *Brincando e Encantando com histórias*. VII Plenarinha. Secretaria de Estado de Educação – GDF. Brasília, 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 42ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

KRAMER, S. (org.). *Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil*. São Paulo: Ática, 1994.

MENDONÇA, F. W. *Teoria e Prática na Educação Infantil*. Maringá, PR: UNICESUMAR, 2012.

MIRANDA, A. E. M. A contação de história na educação infantil: contribuições para o desenvolvimento social e afetivo da criança. *Anais do EVINCI – UniBrasil*, Curitiba, v.3, n.1, p. 276-276, out. 2017. Disponível em: <portaldeperiodicos.unibrasil.com.br>. Acesso em 27 nov. 2020.

SANTOS, A. P. S.; SILVA, J. P. S. A contação de histórias como ferramenta didática na educação infantil. *Revista Boletim de Conjuntura – UFRR*, Boa Vista, v.1, n 1, pág. 41-51, 2019. Disponível em: <<https://revista.ufrr.br/boca/article/view/PDF7/2873>>. Acesso em 20 nov. 2020.

SILVA, E. T. *Leitura na escola e na biblioteca*. 4ª ed. – Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

SILVA, T. S.; NASCIMENTO, E. C. *A contação de histórias na educação infantil: formando leitores*. Revista Pedagogia em Foco, Iturama (MG), v. 11, n. 6, p. 156-167, jul./dez. 2016. Disponível em: < <https://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/231>>. Acesso em 15 nov. 2020.

SOUSA, L. O BERNARDINO, A. D. *A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental*. Revista de Educação Educere et Educare, vol. 6, n. 12, p. 235-249, 2011. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643>>. Acesso em 18 out. 2020.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.